



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## A ALUSÃO E A CONSTITUIÇÃO DO LEITOR EM POR PARTE DE PAI, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

<sup>1</sup>Maria Lígia Andrade Castro, <sup>2</sup>Vânia Lúcia Menezes Torga.

*1 Mestranda em Letras: Linguagens e Representações DLA/UESC, e-mail: intersticio@hotmail.com,*

*2 Orientadora, docente do Mestrado em Letras: linguagens e representações do DLA/UESC, e-mail: vltorga@uol.com.br.*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo relatar a investigação acerca da produção de sentido no texto literário a partir da teoria da alusão, proposta por Torga (2001). Tal teoria possibilita compreender como as categorias da memória, metáfora, metonímia e silêncio, constituidoras do jogo alusivo, contribuem para a constituição do leitor na contemporaneidade. Através da análise de fragmentos da narrativa “Por parte de pai”, de Bartolomeu Campos Queirós, busca-se identificar as estratégias textuais que indicam a ação responsiva do leitor, ou seja, como ocorre o movimento do autor-modelo em busca do leitor-modelo nessa obra e como este último atua como colaborador e produtor de sentido do texto literário, que, segundo ECO (1994, p.9), é “uma máquina preguiçosa, pedindo ao leitor que faça a parte do seu trabalho”. A alusão, nesse estudo, não é compreendida da forma convencional, ou seja, como uma mera referência que a configura “como uma categoria fraca de intertextualidade” (WALTY, PAULINO e CURY, 1995, p. 29), mas da forma defendida por Torga (2001), que vê a alusão como mediadora dos movimentos de ir e vir, devir, exigindo do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída, pela cooperação. Compreende-se, dessa forma, que a alusão atua como mediadora do diálogo que se estabelece entre autor, texto e leitor, permitindo a compreensão do processo e do produto na construção do sentido do texto. O estudo toma como suporte teórico os pressupostos de Bakhtin, Eco, Campos, Kosik e Torga, dentre outros e se justifica por mostrar a possibilidade de análise de textos literários a partir da articulação entre o linguístico-semântico e o literário.

**Palavras-chave:** Alusão. Leitura processo/produto. Constituição de leitor.

“Escrever é procurar parceiros para decifrar a intensidade dos mistérios. Escrever é “não saber” e recorrer ao leitor para nos ajudar a decifrar o mistério que inaugura o escritor.” (QUEIRÓS, 2009).

## Introdução

Esse trabalho apresenta reflexões acerca da investigação desenvolvida por mim que objetiva delinear o autor-modelo e o leitor-modelo de Bartolomeu Campos Queirós, buscando compreender como ocorre a produção de sentidos no texto literário. Salienta-se que esse estudo situa-se no campo da linguagem que entende a leitura como atividade interativa, na qual os sentidos são construídos através do diálogo que se estabelece entre autor-texto e leitor.

Parte-se da hipótese de que o leitor-modelo requerido pelo autor-modelo de Bartolomeu Campos Queirós é aquele que faz o jogo alusivo, ou seja, que percebe e faz alusões para significar o que lê.

A alusão, nesse estudo, não é compreendida da forma convencional, ou seja, como uma mera referência que a configura “como uma categoria fraca de intertextualidade” (WALTY, PAULINO e CURY, 1995, p. 29), mas da forma defendida por Torga (2001), que vê a alusão como mediadora dos movimentos de ir e vir, devir, exigindo do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída, pela cooperação.

Na obra *Por parte de pai*, do autor mineiro Bartolomeu Campos Queirós, percebe-se o caráter dialógico da linguagem, já que a narrativa apresenta vários não-ditos, lacunas e silêncios que, no nosso entendimento, seriam estratégias textuais de escrita visando que o leitor as signifique ao utilizar a alusão como uma das estratégias de leitura.

Dessa forma, quando o autor-modelo do autor empírico imagina certo leitor que contribua para o andamento da narrativa – o leitor-modelo – há uma ação que age na constituição de leitor, visto como o sujeito que participa cooperativamente da construção de sentidos da narrativa ficcional.

Falar da imagem de um leitor que é pensada no ato da escrita nos remete às idéias de ECO (1986; 1994), especificamente às obras *Lector in fábula* (1986) e *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994). Nesses textos, Eco reflete sobre o processo de escrita e de leitura, afirmando que “o leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar histórias, como também da própria história” (1994, p.7).

Eco (1994) fala que os textos literários não têm como dizer tudo sobre o mundo ficcional que apresentam e, por isso, alude a ele e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas, pois o texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça a sua parte.

Para fazer a máquina-texto funcionar, ou seja, construir sentidos sobre o que lê, o leitor, segundo ECO, sempre faz escolhas e atualiza o texto, participando cooperativamente da construção da história que se apresenta a ele no momento da leitura.

Segundo ele, o próprio texto busca criar e prevê certo estilo de leitura e de leitor, ao qual ele denomina de leitor-modelo. Em contrapartida, denomina de autor-modelo as estratégias narrativas, o estilo de escrita do autor empírico. O autor-modelo seria “um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo” (Idem, p. 21).

A significação, por conseguinte, se estabelece no processo que se constrói na interação entre autor-texto-leitor. O sujeito leitor é princípio ativo da interpretação, cabendo a ele o preenchimento da incompletude constitutiva dos textos.

Falar da interação autor-texto-leitor nos remete também a Bakhtin e suas idéias sobre a interação verbal e dialogismo. Para o filósofo russo, a interação verbal é a realidade da linguagem, uma vez que a palavra se dirige sempre a um interlocutor.

Segundo ele:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1999, p.113).

Nesse sentido, as idéias de Eco coadunam-se com as de Bakhtin, pois, assim como para o primeiro, o leitor é pensado na elaboração do texto, para o segundo autor, o locutor nunca age sem pensar no alocutário. Assim, a leitura inscreve-se também como espaço de interação entre sujeitos socialmente situados, e a leitura, nessa perspectiva, tem seu (s) sentido (s) construído (s) na interação que se estabelece entre autor e leitor, mediados pelo texto, sendo que o leitor é co-produtor de sentido, assumindo papel ativo no processo, praticando a ação responsiva, apreendida por Bakhtin.

Na teoria bakhtiniana, o interlocutor, no nosso caso o leitor, ao compreender o significado de um texto ou enunciado, estabelece uma posição responsiva, isto é, concorda ou discorda, podendo completá-lo, participando assim ativamente da construção de sentido.

Toda compreensão de uma fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso): toda compreensão é prenhe de resposta e nesta ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna o falante. (BAKHTIN, 2003, p. 272)

Ainda segundo SOUZA (1994), o sentido construído na compreensão ativa e responsiva é o traço de união entre os interlocutores, o que caracteriza a dimensão dialógica da linguagem.

Segundo essa dimensão dialógica, como nos diz Diana Luz Barros (1996), “o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e interpretação dos textos”

O leitor, dessa forma, atua como o sujeito que pode operar na excedência de visão, possibilitada pela ação interativa da leitura.

É nessa perspectiva dialógica de linguagem que se insere a proposta de TORGA (2001) de uma teoria de leitura da alusão. Para esta autora,

A alusão, estratégia textual, construída como ação de linguagem, indicia que há movimento de deslocamento do autor/leitor na busca da construção interativa de sentido nas ações do “um” e do “outro”, o que se dá via excedência de visão. (...) o processo alusivo, por se constituir no jogo da reprodução e da transformação de sentidos, constitui aquele excedente, ou seja, aquele projeto de sentido que vai além dos sentidos estabelecidos, constituído pelo cruzamento de sentidos de enunciações diferentes. (TORGA, 2007, P.194-95)

A alusão, nesse sentido, daria conta da incompletude característica do texto literário e, como teoria de leitura, através do delineamento do autor e leitor-modelo

possibilita perceber o processo e o produto na construção de sentidos do texto, mostrando como se compõe e se recompõe os interstícios textuais – espaços em branco das narrativas ficcionais.

Para abordar o fenômeno da alusão nessa perspectiva, é necessário o suporte teórico-metodológico da fenomenologia dialética (KOSIK, 1995), a qual mostra que tudo está em constante movimento, transformando-se incessantemente.

Segundo Torga (2001) o método fenomenológico dialético apresenta sintonia com a investigação da alusão como estratégia de leitura por ambos apresentarem o caráter do movimento que é essencialmente dialético, mostrando que o conhecimento de qualquer fenômeno requer um movimento espiralado, e não unilateral ou linear.

Segundo Kosik (1995), o fenômeno não se manifesta imediatamente. Para compreendê-lo, é necessário um *détour*, um esforço para perceber a essência, que não está na percepção imediata. Assim é a alusão enquanto fenômeno a ser pesquisado: para percebê-la é necessário ir das partes ao todo, dos fragmentos à aparente completude textual.

Embora ainda se encontre em desenvolvimento, a pesquisa tem nos indicado que a alusão se configura como uma das estratégias textuais de leitura da obra de Bartolomeu Campos Queirós.

Percebe-se nas falas do escritor mineiro, em textos e entrevistas, a crença na leitura como atividade dialógica, que abre espaço para a participação do leitor na construção de sentidos do que lê.

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor.

(...)

Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. (QUEIRÓS, 1999)

Ressaltamos, também, que a obra ora investigada - *Por parte de pai* - dialoga com outras produções do próprio autor e se insere no conjunto de narrativas queirosianas que relatam memórias da infância, da qual podemos citar: *Indez, Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (LEFCC), *Ciganos e O olho de vidro do meu avô* (OVMA).

O narrador-personagem que revisita a infância ao longo das narrativas supracitadas revela ser o mesmo. Essa intertextualidade com a própria obra é notada através dos personagens e dos temas recorrentes, que versam sobre a infância, a família, além de todas se filiarem ao estilo memorialístico. Nota-se que o narrador faz alusões a personagens e cenas de sua vida em diferentes narrativas, como pode ser verificado nos trechos abaixo:

Eu me lembrava da casa do meu avô e suas paredes cobertas de recados. (LEFCC) (QUEIRÓS, 1997, p. 38)

Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho meu avó escrevia nas paredes.” (PPPai, p. 10)

Jeremias ciscava solto por todo canto. (...) cego de um olho! Seu mundo se dividia em luz e trevas. (PPPai) (QUEIRÓS, 1995, p. 28)

A falta de olhos sempre me perseguiu. Tive um galo que se chamava Jeremias. Como meu avô, ele só via um lado do mundo. (OVMA) (QUEIRÓS, 2004, p. 14)

Em *Por parte de pai* nota-se que, sob a aparente condição de texto de memória, através do narrador que recorda sua infância, Bartolomeu Campos Queirós traz ao leitor o retrato de um passado vivido em cidade do interior e revela, em seus relatos, como ocorria a inserção da criança no mundo da leitura, do saber escolarizado e, além disso, alude em muitas passagens à própria questão da criação ficcional, do ato de escrever, de criar mundos.

Ao falar de sua especial relação com o avô paterno, o narrador revela que o maior fascínio que o avô exercia sobre ele vinha da mania que tinha de registrar a vida nas paredes da casa, como comprovamos nos trechos abaixo:

As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. (...) Nada ficava no esquecimento, em vaga lembrança. (...) A casa do meu avô foi meu primeiro livro. (QUEIRÓS, 1995, p. 11-12)

Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. Sua letra, no meio da noite, era a única presença viva, acordada comigo. Cada sílaba um carinho, um capricho penetrando pelos ouvidos até o passado. (QUEIRÓS, 1995, p. 18)

O avô representa o conhecimento não escolarizado e desempenha o papel de guardião da memória da pequena cidade. Mesmo sem ter adquirido o conhecimento formal, ele tinha a sensibilidade de usar a escrita como registro de memória. Assim, suas histórias nas paredes aludem às pinturas rupestres, que, embora sem muita elaboração, guardam os resquícios e reminiscências de um tempo que precisa ser guardado para não ser esquecido.

Sendo o avô o escritor, cabia ao neto a tarefa da leitura: “Enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede”. Aqui, notamos a alusão à leitura como uma atividade também criativa: o leitor recria as histórias lidas, acrescentando ao que lê outras significações.

Em muitas passagens da narrativa, nota-se a reverência do menino ao “livro” do avô e o respeito à força da palavra escrita:

“Leitura era coisa séria e escrever mais ainda. Escrever era não apagar nunca mais. O pior é que, depois de ler, ninguém mais esquece.” (QUEIRÓS, 1995, p. 14)

Nas palavras do menino-narrador percebem-se alusões ao modo como ocorre a compreensão do mundo pela criança, que constrói sentidos sobre este, mas sempre permanece sem compreender muitos outros “mistérios” do mundo adulto.

E cada dia eu nascia um pedaço. Alguns pedaços me encabulavam mais. (QUEIRÓS, 1995, p. 27)

(...) a palavra caía no meu ouvido e levava dias para doer. (QUEIRÓS, 1995, p. 19)

Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço. (QUEIRÓS, 1995, p. 18)

Nesse tempo de descobertas, o menino demonstra angústias em relação aos saberes e dogmas que lhe são apresentados

Pensando devagar, acordado na madrugada, eu descobria as tantas coisas sabidas, mas não vistas e outras vistas e não sabidas. Por exemplo, Dona Aurora, que não era boreal como na Geografia, me ensinou desde cedo, estar Deus em toda parte. Eu não via. Também não queria ver e padecia com o pecado cometido negando ver o Onipresente. O demônio ficava contente e Padre Libério me benzia. O sofrimento me machucava inteiro. Eu encolhia, escondia, pedia perdão e continuava afogado em dúvidas. As três caravelas – Santa Maria, Pinta e Nina eu não via, mas até desenhava. Doía muito ser menino. (QUEIRÓS, 1995, p. 22)

Notam-se no trecho acima alusões aos conhecimentos apresentados pela escola e aos dogmas da Igreja católica, transmitidos através da catequese, saberes que enchem o menino de dúvidas e também de medos, por conta do forte discurso religioso ao qual era submetido.

Em outros momentos da narrativa, notamos alusão à criação ficcional. No trecho abaixo, verifica-se que, embora o avô registrasse suas memórias, estas não estavam a salvo da transformação operada pelo sujeito recordador, que sempre acrescenta algo mais ao que reproduz.

Meu avô pregava todas as palavras na parede, com lápis quadrado de carpinteiro, sem separar as mentiras das verdades. Tudo era possível para ele e suas letras. (QUEIRÓS, 1995, p. 18)

Há também alusões ao trabalho artístico com a linguagem, pois com o avô, o menino-narrador aprendia a brincar com as palavras a criar metáforas e descobria que as palavras podiam encerrar vários sentidos.

(...) Com meu avô, aprendia a dizer uma coisa para valer outra. Lembrei-me do canto da parede, onde estava escrito: “para que sabe ler, um pingo nunca foi letra”. (...) As palavras tem muitos gostos - pensava – e era impossível saber seus sabores verdadeiros. (QUEIRÓS, 1995, p. 63)

A impossibilidade de saber os sentidos verdadeiros das palavras alude à natureza heterogênea do signo linguístico, que é dialético, vivo, e, por isso, a leitura e a significação sempre estão sujeitas a intervenções diferenciadas a depender dos leitores que encontram.

### **Considerações finais**

Ao produzir um texto, o autor se movimenta acionando estratégias na constituição de seu leitor. Nesse artigo, buscou-se mostrar que uma dessas estratégias de leitura da obra *Por parte de pai* é a alusão, que requer do leitor um envolvimento com a narrativa e solicita que este não mais se comporte como mero ouvinte/leitor, mas sim coopere com a construção da narrativa através da sua excedência de visão, passando a agir como um co-enunciador do texto.

Dessa forma, defendemos a mesma idéia de Brandão (1997) quando esta diz que é o movimento da leitura, o trabalho de elaboração de sentidos feito pelo leitor que dá concretude ao texto. Sendo o leitor um co-autor dos textos, os sentidos que estes encerram nunca são conclusivos, pois estarão sempre sujeitos ao olhar excedente de novos sujeitos leitores.

## Referências

- BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**; problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 1992.
- \_\_\_\_\_. **Estética da comunicação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In FARACO, C. Alberto et al (org). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 1996.
- BRANDÃO, H. H. N. Escrita, leitura, dialogicidade. In. BRAIT, B. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp 1997.
- ECO, Umberto. **Conceito de Texto**. São Paulo: T. A. Queiroz/Ed. Da USP, 1984.
- ECO, Humberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KOSIK, karel. **Dialética do concreto**. Trad. Neves, Célia e Toríbio, Alderico. 6ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- PAULINO, Graça e WALTY, Ivete. **Intertextualidades: teoria e prática**. Belo Horizonte: Ed. LÊ, 1995.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Indez**. 5ª Ed. Belo Horizonte: Miguilin, 1994.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**: Belo Horizonte: RHJ Editora, 1995.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. 2. Ed. Belo Horizonte: Miguilin, 1997.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: In: PRADO, Jason e CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Ciganos**. 12. Ed. Belo Horizonte; Miguilin, 1999.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Moderna, 2004.
- <http://www.ecofuturo.org.br/comunicacao/publicacoes/bartolomeu-campos>. Acessado em 17-06-09
- SOUZA. J. S. **Infância e Linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico).
- TORGA, Vânia L. M. **O movimento de sentido da alusão**: uma estratégia textual de leitura do livro “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queirós. (Dissertação: Mestrado em Estudos Lingüísticos). FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- TORGA, Vânia L. M. **O risco do bordado de Autran Dourado** - A alusão nos gêneros textuais : o romance e a tese . FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1996.
- TORGA, Vânia L. M. **“Aludir é melhor que nomear”**: a leitura e a alusão no texto literário. In. Revista A Cor das Letras – UEFS, n. 8, 2007.
- TORGA, Vânia L. M. Crônicas de Machado de Assis - pra quem sabe lê, um “pinguêlê”. In. Anais do Encontro Regional da ABRALIC 2007.